AS HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A ARTE DA NARRATIVA

RENATA RICHELI FERREIRA

RESUMO

A narração de contos no ensino pré-escolar é extremamente benéfica para o crescimento dos pequenos. Portanto, é crucial que os professores se esforcem para incorporar a narração de histórias na sala de aula, criando um ambiente acolhedor e agradável para o desenvolvimento saudável de todos na pré-escola. Foi com esse objetivo que o trabalho em questão foi realizado, apresentando sugestões para aprimorar a prática pedagógica em sala de aula. Uma história narrada de maneira apropriada pode transportar uma criança para um mundo de fantasia, fazendo com que ela sinta prazer em deixar sua casa e ir à escola, já que muitas vezes as crianças da pré-escola têm medo de estar longe de sua família. Infelizmente, muitas escolas consideram esse método obsoleto e, como resultado, não investem em espaços dedicados à narração de histórias ou na formação de professores para desenvolver essa habilidade. As instituições educacionais têm um papel crucial em promover e incentivar a narração de histórias no ensino pré-escolar. Assim, esta investigação propõe a seguinte questão: A narração de contos pode auxiliar no processo de aprendizado das crianças na educação infantil? Com base nessa premissa, a pesquisa foi conduzida com o objetivo principal de examinar a narração de contos na educação infantil e os objetivos específicos de elucidar e detalhar, com base em teóricos, o que é a narração de contos; ponderar sobre a contribuição da narração de contos para a educação infantil; e averiguar como os professores observados empregam a narração de contos em sala de aula. A motivação para a escolha do tema surgiu do desejo de realizar uma pesquisa sobre a narração de contos infantis na educação infantil. Muitas crianças se apegam a dispositivos eletrônicos e acabam frustrando seu mundo mágico, crescendo assim em um mundo de dura realidade.

Palavras-chave: Habilidade; Motivação; Narração.

INTRODUÇÃO

Os antigos padrões autoritários, nos quais a criança é meramente receptora passiva de regras, devem ser substituídos por abordagens literárias emancipatórias, que conferem à criança um papel ativo e buscam desenvolver e estimular sua capacidade crítica, a fim de transformá-la em um agente de mudança.

A literatura leva a criança a questionar sua condição no mundo, uma vez que a consciência do mundo surge quando ela estabelece uma conexão com o livro e, a partir dessa interação, constrói um significado para sua própria realidade. É importante destacar, no entanto, que, no contexto da literatura infantil, essa mediação entre o leitor e o livro pode ser realizada por um adulto leitor.

Daí a importância que se atribui, hoje, à orientação a ser dada às crianças, no sentido de que ludicamente, sem tensões ou traumatismos, elas consigam estabelecer relações fecundas entre o universo literário e seu mundo interior, para que se forme, assim, uma consciência que facilite ou amplie suas relações com o universo real que ela está descobrindo dia a dia e onde ela precisa aprender a se situar com segurança, para nele poder agir. (DIAS, 2005, p. 29)

Muitos autores, ao escrever sobre a imaginação, buscam defini-la em conceitos. Para Corso e Corso (2006, p.76), a “imaginação é para criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não”.

De acordo com as ideias de Freud (citado por Fromm, 1962), todo sonho é uma expressão significativa da vida interna e sua interpretação é o caminho para compreender o inconsciente. Freud (citado por Fromm, 1962:17) observou que os sonhos não são diferentes dos mitos e contos de fadas, sendo um fenômeno humano universal. Em uma história, a sequência de eventos representa a experiência interna do herói - a história subjacente - por meio de uma linguagem simbólica.

Silva (2009, p.34) afirma que:

Seu papel é levar o ouvinte a tornar-se leitor, por isso, além de proporcionar-lhe um entretenimento na hora da contação, presta-lhe também informações sobre o livro onde a história se encontra, o nome de seu autor, a editora que o publicou. [...] O contador é antes de tudo um leitor privilegiado, que cumpre seu papel ativo: faz leituras prévias, seleciona textos, informa-se sobre o autor, observa a ilustração do livro, memoriza o texto, interpreta suas intenções para transformá-las em modulações de voz e gestos.

Quando as crianças leem ou ouvem histórias, entram em contato com seu material inconsciente ou subjacente, pois ao se identificarem com os personagens, podem avaliar as situações de forma mais objetiva. Dessa forma, ao entrar em contato com os processos internos e se identificar com os personagens, os contos permitem que a criança se veja "de fora" da situação, com uma perspectiva mais distanciada, o que facilita a percepção do problema apresentado e

das sugestões para sua solução.

A partir dessa compreensão do papel do narrador, torna-se mais acessível compreender os protagonistas, as jornadas a locais distantes e tão próximos à realidade, a sensação do aspecto lúdico presente nas brincadeiras com as palavras de um poema, o afeto presente nas essências das histórias ouvidas, lidas e contadas, auxiliando as crianças a compreenderem o mundo interno e externo a elas. Em outras palavras, é o início de um processo encantador, proporcionado pela alegria e pelo prazer de ler textos literários.

Dessa forma, compreende-se que oferecer uma narrativa a uma criança é permitir que sua imaginação desperte, possibilitando que as mais diversas e profundas relações de expressividade e sensações deixem uma marca duradoura na memória desse ser repleto de afetividade, capaz de experimentar uma liberdade lúdica. Nessa fase da vida, a essência mais significativa está ligada às brincadeiras, aos sonhos e à felicidade que representam a vivência de uma infância enriquecida por diferentes leituras.

A HABILIDADE DE NARRAR HISTÓRIAS

Desde tempos imemoriais, a necessidade de contar está presente na vida do homem. Histórias ancestrais, mitológicas e oníricas aparecem em momentos em que nenhuma dessas categorias ainda tinha nome. Tratava-se do recurso que o ser humano utilizou para que essa mensagem chegasse ao outro, pois narrar os acontecimentos representava, de alguma forma, o registro de sentimentos, de emoções, da própria história. Como é que conhecemos tantas lendas e histórias de tempos que não vivemos? Pois bem, graças à tradição oral que tem sido responsável pela transmissão geracional, homens que contam aos outros tudo o que viveram, imaginaram ou sonharam. As explicações que foram atribuídas àquilo que não tem descrição lógica ou origem demonstrável.

Os termos que foram atribuídos a eventos de natureza extranormal ou espiritual etc., provavelmente, muitos dos livros didáticos que hoje circulam nas cidades do mundo ou que adornam as muitas bibliotecas existentes contêm informações que foram inventadas e nunca questionadas. É transmitir uma mensagem por meio do famoso boca a boca também tem suas desvantagens.

O Conto de Fadas é composto por um significado psicológico essencial. Tentam descrever um único fato psíquico – o SELF – que devido a sua complexidade necessita ser representado sob diversos aspectos e em diferentes histórias. O Self representa a totalidade do indivíduo e também é o centro do sistema regulador, do qual depende o bem-estar do indivíduo, ou seja, quando o EGO se harmoniza com toda a personalidade. O Ego é o complexo central do campo da consciência da personalidade que pode ser considerado como espelho do Self e, por vezes, se comporta como se fosse o todo. A psique compreende, então, a consciência e o inconsciente, sendo que o Ego é o centro da consciência e o Self é o centro e a personalidade total. Pode-se dizer, então, que o herói é uma figura arquetípica que representa um modelo de ego funcionando de acordo com o self. (FRANZ. 1981, p. 73):

A principal dificuldade reside, sem dúvida, nos maus hábitos de leitura da maioria dos estudantes do ensino secundário, que, consequentemente, trazem consigo uma bagagem de leituras literárias bastante pobres. As suas capacidades como leitores competentes de literatura (com critérios minimamente rigorosos) têm de ser formadas quase do zero, a partir de pressupostos muito básicos.

A habilidade de narrar contos é um exercício que estimula todos os sentidos humanos, o corpo, a mente, a concentração, a memória, a percepção e os movimentos corporais. Esses elementos possibilitam várias formas de aprendizado na fase inicial da educação, como a compreensão de que fazemos parte do ambiente, que interage com o ser humano em relações não lineares.

A narração de histórias é uma conexão emocional entre indivíduos. É uma forma criativa de despertar curiosidade e aprendizado. Seres humanos relatam suas experiências de diversas maneiras ao longo da história da humanidade. Desde desenhos em cavernas até o surgimento da escrita, grupos compartilham conhecimentos e educam as gerações mais jovens por meio de contos, histórias, tradições folclóricas, versos, e assim por diante.

Dessa maneira, compreendemos a narrativa de histórias como um elemento de ensino que amplia conhecimentos por meio de formas literárias que, inseridas em abordagens criativas, promovem aprendizado escolar (LIMA, 2019).

A educação para crianças pequenas requer amor, criatividade e profissionalismo no ensino, portanto, contar histórias é uma experiência significativa para a infância. A mediação da leitura pelo professor, a alteração na entonação da voz, os acessórios, brinquedos e jogos teatrais são algumas estratégias que podem ser utilizadas nas práticas educativas.

Ao narrar uma história, o professor auxilia o aluno a se reconhecer no espaço, a compreender as relações da criança com brincadeiras na terra, no ar e na água, bem como o cultivo, o trabalho com montagem e desmontagem de objetos presentes no cotidiano, são diversas formas de inserção e interação no mundo físico e natural (BRASIL, 2017).

LEITURA MEDIADA DE LITERATURA INFANTIL

Quando falamos das primeiras abordagens da literatura, é necessário nos referirmos também à mediação da leitura. À luz do conceito vygotskiano de "mediação", podemos compreender o mediador de leitura como um adulto que facilita as primeiras aproximações da criança ao livro, num processo em que prevalecem a afetividade e a criação de um momento de leitura acolhedor e gratificante. Ali o mediador demonstra sua própria alegria de ler para semear esse desejo no outro, neste caso a criança e suas reduzidas experiências de leitura. É um verdadeiro "passador de livros" (PETIT, 1999) cujo objetivo é fomentar uma aproximação emocional entre a criança e a literatura.

De acordo com Leffa (1998, p.24):

Ler é um fenômeno que ocorre quando o leitor, que possui uma série de habilidades de alta sofisticação, entra em contato com o texto, essencialmente um segmento da realidade que se caracteriza por refletir um outro seguimento. Trata-se de um processo extremamente complexo, composto de inúmeros subprocessos que se encadeiam de modo a estabelecer canais de comunicação por onde, em via dupla, passam inúmeras informações entre o leitor e o texto.

Uma das estratégias de mediação mais utilizadas para motivar as crianças a ler é a estratégia de "contação de histórias". Compreendido das mais diversas formas pelos diversos programas de animação de leitura que surgiram nas últimas décadas.

Consequentemente, "contar histórias é conectar o narrador à história, o narrador ao público e, finalmente, o público à história" (COLLINS & COOPER, 1997, p. 41). Este processo de interação texto-narrador-auditores tem como objetivo central a ligação da criança com a história, e isso é conseguido em grande parte graças à capacidade do mediador de "veicular" os sentimentos e atmosferas emocionais da narrativa, permitindo assim a exploração de esses mundos narrados ao auditor infantil. Chamaremos esse processo de "leitura mediada ".

Para conseguir uma leitura mediada eficaz, o narrador deve complementar a sua leitura do texto com outros componentes da linguagem não verbal e para verbal. Neste último, a entonação, o tom e o ritmo adequados serão decisivos para canalizar o enredo da narrativa de forma credível e atrativa e nos aspectos não verbais, a cinésica será uma excelente forma de regular as ações da história e os estados emocionais que ela transmite: o significado expressivo de seus gestos e movimentos fará do mediador a ponte de acesso à história. A tensão ou calma de uma determinada passagem, a alegria ou tristeza dos personagens ou a surpresa diante de uma reviravolta narrativa inesperada, podem se manifestar na expressão facial e corporal do leitor.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O IMPACTO DA LEITURA MEDIADA DA LITERATURA INFANTIL

A leitura de histórias também tem sido apontada como outra forma de alfabetização emocional. Nesse caso, Figueroa (2008) aponta para aquelas histórias temáticas, nas quais é explicitamente "ensinada" uma emoção que deve ser relacionada à criança (emoção contida na história, e nela representada de forma direcionada, por exemplo: uma história sobre tristeza).

Neste sentido, não sabemos se é possível "ensinar" uma determinada emoção numa história. Isto, em primeiro lugar, pela natureza relacional e contextualizada dos processos emocionais (Rimé, 2007). E em segundo lugar, pelo caráter conotativo e polissêmico do discurso literário (Sánchez Corral, 1995), cuja relação com a função poética e o pensamento divergente o distancia daqueles textos que "dirigem" uma determinada mensagem ao destinatário.

Consideramos, então, que na leitura mediada de literatura infantil são explorados conjuntos de narrativas atravessadas por uma série de interações carregadas de emoção. Nesta exploração, o leitor adulto opera na zona de desenvolvimento proximal do leitor/auditor infantil, construindo com ele uma série de andaimes na linguagem, que facilitam o reconhecimento das emoções tanto no mundo ficcional (mas "real") e em personagens fictícios (mas "reais"), em leitores adultos e em si mesmo.

Esta capacidade cognitiva da ficção (Andruetto, 2009), entendida como uma "mentira" que permite um novo olhar sobre o mundo, e em particular sobre os estados emocionais típicos das interações da realidade, será favorecida pela leitura de histórias que, longe de terem "manipuladas" para esse fim (a história "sobre" a tristeza), foram criadas tomando a faculdade expressiva da imagem poética como reflexo da série de interações afetivas típicas da vida humana.

Ao mesmo tempo, acrescentaremos que, na leitura mediada, a aprendizagem vicária das emoções não ocorre apenas no encontro com o livro em si, mas esta é acompanhada pela leitura do texto pelo mediador. Em outras palavras, é no contexto da leitura e do diálogo que a emoção se situa. Como mencionamos, o modelo Vygotskyano é central para os processos de leitura mediada; Ali o leitor adulto proporciona segurança na exploração de mundos, que constituem os conjuntos de narrativas de uma série de interações sociais que ocorrem na ficção.

Nesta jornada conjunta de explora-

ção das emoções, a alfabetização emocional (como o reconhecimento de emoções) é mediada durante o processo de leitura, e os processos afetivos são contextualizados, facilitando a compreensão da criança sobre os estados emocionais de um determinado personagem e da interação em geral.

Dessa forma, a narrativa reúne e entrega uma plataforma de exploração. Este processo básico, de duas ou mais pessoas lendo e comentando um texto literário, também integra os elementos fundamentais para explorar os estados mentais de outras pessoas e facilita aos leitores a partilha desses estados mentais num processo não forçado, integrativo e seguro. (RIMÉ, 2009; RIQUELME, HENRÍQUEZ & ÁLVAREZ, 2003).

É por isso que entendemos a leitura mediada de literatura infantil como uma ferramenta de exploração dos estados mentais de outras pessoas (como desejos, emoções e crenças), cuja força como prevenção inespecífica não é gerar dinâmicas de exclusão em sala de aula, mas sim ser um processo compartilhado por todos e que faz parte do cotidiano do grupo.

Acreditamos que esta integração tem um bom aliado na literatura, na arte de contar palavras. A antropóloga francesa Michèle Petit afirma:

O que determina a vida de um ser humano é em grande parte o peso das palavras, ou o peso da sua ausência e transformá-lo. Enquanto no caso oposto, a dificuldade de simbolizar pode ser acompanhada por uma agressividade incontrolável. (1999, p. 73-74).

A boa literatura infantil, num contexto afetivo de leitura mediada por um adulto, favoreceria a exploração natural do conteúdo mental pela criança, bem como a construção de significados contextualizados da interação. Ajudaria, portanto, a prevenir a agressividade por meio da empatia com personagens que, pelos intrincados caminhos da ficção, nos ensinam a nomear e nomear a nós mesmos.

Contar histórias é uma forma original de ensino e aprendizagem em seu sentido mais amplo. A humanidade historicamente utilizou esse método para transmitir conhecimento, interagir com a realidade e transformá-la. Este método se torna a pedra angular da arte de ensinar. Além disso, é reconhecida como uma arte viva, como a música e a dança, que ganha vida na interpretação dos acontecimentos pelas pessoas.

O narrador recria a narrativa juntamente com seu público. Ele preserva certas partes do texto, mas as modifica com base na interação que tem com os ouvintes. Por outro lado, o leitor empresta sua voz ao texto, respeitando a estrutura linguística da história e as escolhas de vocabulário feitas pelo autor. Frequentemente, a narração de histórias abre espaço para múltiplas interpretações do texto contado.

Praticada em diversos estilos e locais distintos, sua importância na escola é crucial, pois desperta o interesse dos alunos e estimula o desejo de ler obras literárias. Uma história tem o poder de emocionar e surpreender o ouvinte através da maneira como é narrada. É bem conhecido que as crianças vivenciam experiências significativas e duradouras na instituição educacional.

A narração de histórias é uma dessas experiências que contribuem para manter o amor pela literatura além da infância. Portanto, é fundamental oferecer às crianças oportunidades de ouvir uma variedade de histórias, seja por meio da leitura ou da narração de memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte de contar histórias na educação infantil é uma ferramenta poderosa que estimula a imaginação, a criatividade e a capacidade de compreensão das crianças. Ela permite que as crianças se envolvam em um mundo de fantasia, onde podem explorar diferentes cenários, personagens e situações.

Contar histórias não é apenas sobre entretenimento, mas também sobre educação. As histórias podem ensinar às crianças sobre diferentes culturas, valores, e até mesmo conceitos complexos de maneira lúdica e envolvente.

Elas podem ajudar as crianças a entenderem e a lidar com diferentes emoções e situações da vida.

Além disso, contar histórias pode ajudar a desenvolver habilidades linguísticas e de comunicação nas crianças. Elas aprendem novas palavras, estruturas de frases e expressões idiomáticas. Também aprendem a ouvir atentamente e a se expressar de maneira clara e confiante.

Contar histórias também pode ser uma atividade interativa. As crianças podem ser encorajadas a participar da história, fazendo perguntas, fazendo previsões ou até mesmo criando suas próprias histórias. Isso pode ajudar a desenvolver suas habilidades de pensamento crítico e criativo.

Em suma, a arte de contar histórias na educação infantil é uma prática valiosa que pode enriquecer a experiência de aprendizado das crianças de maneiras significativas e duradouras. É uma tradição que tem sido passada de geração em geração e continua a ser uma parte integral da educação infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, F. Literatura infantil:

gostosuras e bobices. 5ª. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

AMATRUDA, M. (2006). Resolução de conflitos e desenvolvimento de habilidades sociais com crianças. Revista de Psicoterapia de Grupo, Psicodrama e Sociometria; 58, 4, pág. 168.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2017. COLLINS, R. E COOPER, P. (1997). O poder da história. Scottsdale: Editores Gorsuch Scarisbrick.

CORSO, D. L.; CORSO, M. Fadas no Divã: psicanálise nas Histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FARIAS, E. G. As cantigas e brincadeiras de roda como instrumento pedagógico na alfabetização. 2013. 58 f., il. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Alto Paraíso de Goiás-GO, 2013.

FRANZ, Marie-Louise Von. A interpretação dos contos de fada: Uma introdução à psicologia dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

KINDEL, E. A. I. Práticas pedagógicas em ciências: espaço, tempo e corporeidade. Edelbra Editora Ltda, 2012.

PETIT, M. (1999). Novas abordagens aos jovens e à leitura. Cidade do México: Fundo de Cultura Econômica .

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura e Realidade Brasileira. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

SOUZA VIEIRA, A.; TERRA DE OLIVEIRA, C. O ensino de Ciências na Educação Infantil: concepções e práticas pedagógicas na escola do campo. Revista Insignare Scientia - RIS, v. 3, n. 4, p. 81-101, 20 nov. 2020.